

PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ARTEFATOS CULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIMENTAÇÃO

Gabriela Garcia Sevilla – UFRGS/SEDUC-RS

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Nesta pesquisa me valho da noção de pedagogias de gênero e sexualidade, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, para analisar artefatos culturais que produzem e reproduzem tais pedagogias em nossa sociedade, muito além do âmbito da escola. Tais pedagogias ensinam e reiteram determinadas normas referentes ao feminino e ao masculino, mas também possibilitam mudanças e possibilidades de subversão das normas. Na pesquisa mais ampla foram analisadas diversas entrevistas concedidas a mídia por uma importante cartunista Brasileira, que tem ganhado notoriedade por suas experimentações no campo político e artístico e sua transgeneridade. Neste artigo proponho a análise cultural de trechos de uma destas entrevistas, onde as questões de gênero, sexo e sexualidade são problematizadas e deslocadas por outras categorias que se confrontam e se multiplicam. Apesar de ser um caso individual, acredito que ele sirva para refletir sobre estas questões e suas transformações na contemporaneidade. Quais pedagogias culturais de gênero e sexualidade emergem deste caso? O que está em jogo?

Palavras-chave: Pedagogias de gênero e sexualidade. Pós-estruturalismo. Estudos *queer*. Transgeneridade.

PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ARTEFATOS CULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIMENTAÇÃO

Folha: Uma segunda possibilidade é que você se veste porque isso dá tesão.
Laerte: Não, não é um fetiche sexual. Não é, nem é um tema que me interessa agora. O travestimento é uma questão de gênero, não de sexo. São coisas independentes, autônomas, que nem o executivo e o legislativo. É um erro fazer essa mistura. "Ah, está vestido de mulher, então é viado." "Jogou bola, é macho." E eu que gostava de costurar e de jogar bola? O que tenho feito é investigar essa parte de gênero. O que tenho descoberto é que isso é muito arraigado, essa cultura binária, essa divisão do mundo entre mulheres e homens é um dogma muito forte. Não se rompe isso facilmente. Desafiar esses códigos perturba todo o ambiente ao redor de você. (Entrevista concedida a Ivan Finotti, para a Folha de São Paulo. 2010).

Já faz algum tempo que as questões vinculadas a gênero, sexualidade e corpo chegaram à escola e invadiram o campo de estudos da educação. Temas, grupos sociais e sujeitos que anteriormente (e ainda hoje) eram percebidos como perturbadores ao ambiente escolar e que deveriam ser controlados e normalizados passaram a problematizar este local e suas práticas, que reproduziam normas e regras muitas vezes excludentes e violentas. A escola tradicionalmente normativa passou a ser questionada por diversos movimentos sociais e pesquisadores, a diferença que sempre fez parte deste local, mas era invisibilizada, passou a chamar cada vez mais a atenção e a reivindicar seus direitos (MISKOLCI, 2012). Ao mesmo tempo em que a escola tenta se transformar e que possibilidades mais amplas de educar e conviver com respeito aos direitos humanos se abrem, surgem movimentos contrários, que visam a manutenção do espaço escolar normalizador e reprodutor das desigualdades, gerando embates cada vez mais frequentes na realidade Brasileira (XAVIER FILHA; MEYER, 2015).

Os conceitos de gênero e sexualidade passaram a ser trabalhados na área de educação para compreender as desigualdades no desempenho escolar de meninos e meninas, a formação de professoras e professores, a violência escolar, homofobia diversidade na escola, entre outros aspectos (CARVALHO, 2004; JUNQUEIRA, 2009; TORRES, 2010). Estudiosos/as e pesquisadores/as da área de educação, em especial aqueles e aquelas que se dedicaram especificamente a área de gênero, sexualidade e ao campo dos estudos culturais, passaram a refletir sobre estas questões para além da sala de aula, compreendendo a educação e os processos educativos como algo muito mais amplo, que cruzava os muros da escola. Desta forma, a educação passou a ser entendida como um “conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura” (MEYER, 2012, p. 50), pensando na diversidade de pedagogias culturais que atuam em/na nossa sociedade.

Estas pedagogias que atuam em todos os processos educativos e de socialização passaram a ser denominadas de pedagogias culturais, e de forma mais específica com relação a essa temática, pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 2000, 2008), que passaram a ser problematizadas e enfatizadas, pois conformam saberes, aprendizagens, um currículo, através, por exemplo, dos artefatos culturais (mídia, cinema, TV, revistas e jornais, música, etc.) entre outras instituições e instâncias sociais como a escola, a Igreja e a família. As pedagogias de gênero e sexualidade atuam de forma sutil, contínua e eficiente para constituir sujeitos e subjetividades. Tais pedagogias ensinam, informam,

regulam e estabilizam práticas, normas e desejos de forma a constituir identidades de gênero e sexualidade que possam dar uma referência “segura” sobre os indivíduos (LOURO, 2000).

Desta forma, é possível pensar que os artefatos culturais nos ensinam formas de ser homem e de ser mulher, de construir as identidades sociais, de gênero e sexualidade, e são constitutivas das subjetividades. Por esse motivo a noção de pedagogia é muito interessante neste âmbito de estudos, pois enfatiza o caráter de construção social das normas de gênero e sexualidade, deslocando os sentidos biológicos e naturalizantes que justificam estas normas, problematizando essa diferença e suas implicações nos processos de desigualdade e hierarquia entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, etc.

A partir deste contexto que resumi de forma breve, constitui uma pesquisa que se debruçou a respeito das pedagogias de gênero e sexualidade que poderiam ser encontradas nas entrevistas concedidas pela cartunista Laerte. O objetivo era refletir e analisar as possibilidades e limites de questionamento das normas de gênero e sexualidade em nossa sociedade que podiam ser explicitadas por Laerte nestes veículos de comunicação. Laerte Coutinho é uma cartunista brasileira bastante reconhecida que, desde 2010, tem surpreendido muitos setores da sociedade com sua transgeneridade, assumindo uma postura política combativa e ganhando bastante visibilidade e notoriedade, aparecendo de forma constante na mídia, em programas de televisão, rádio, em jornais e revistas, nas redes sociais e em eventos públicos. Para empreender esta análise, utilizei como fonte algumas entrevistas concedidas por ela a revistas e jornais brasileiros¹.

As entrevistas disponíveis em revistas e jornais são consideradas artefatos culturais nesta perspectiva de pesquisa. Estes artefatos assim como as práticas sociais, vêm sendo entendidos desde aquilo que se chamou de virada linguística e cultural “como linguagens, como discursos que, sendo práticas de significação, atribuem sentido ao mundo e, ao fazê-lo, criam, instituem, inventam” (COSTA, 2000, p. 34). E nestas relações de poder se produzem identidades e subjetividades (COSTA, 2005, p. 96).

¹ A lista destas entrevistas é composta por: “Tenho vergonha de quase tudo que desenhei”, Revista Bravo, Set. 2010; Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher, Folha de São Paulo, Nov. 2010; Paradoxo de Salto Alto, Revista TRIP, Dez. 2010; “Eu sou uma Travesti”, Revista Brasileiros, Jun. 2011.; Me trate com respeito, Revista Continuum/Itaú Cultural, Out/Nov. 2012.

A metodologia utilizada foi a análise cultural destas entrevistas, a partir do referencial pós-crítico e pós-estruturalista no campo da educação (MEYER, 2012). Neste processo fiz recortes no grande material empírico disponível a partir de temas e categorias, me foquei nas questões que diziam respeito especificamente a gênero, sexualidade e corpo. Neste artigo, por questões de limitação de espaço, vou apresentar algumas questões e conclusões mais amplas desta pesquisa, mas irei apenas explorar algumas destas categorias e como elas apareceram especificamente em uma entrevista concedida por Laerte em 2010, a que aparece como epígrafe deste texto.

Em resumo, esta análise se centra em algumas categorias, marcações, pertencimentos que aparecem nestas entrevistas. Foram escolhidos os conceitos de corpo, gênero e sexualidade para serem operacionalizados na pesquisa, tanto por questões teórico-metodológicas, como porque eram proeminentes enquanto temas do material empírico. Estes conceitos estão estreitamente relacionados às categorias de *crossdresser*, travesti e transgênero utilizadas nestas entrevistas (por parte de Laerte e por parte dos entrevistadores).

A ideia é trabalhar com os conceitos de gênero, sexualidade e corpo como ferramentas analíticas, que servem para analisar o fenômeno que será estudado, mas que são tomadas como ferramentas abertas², chaves de leitura, que podem ir se modificando na medida em que se confrontarem com o material empírico. Cada uma destas categorias importantes e fundamentais para nossa área de estudos: gênero, sexualidade e corpo são bastante complexas, e embora saiba do esforço teórico empreendido para separar estas instâncias e de estudar cada uma de forma isolada, mostrando suas especificidades, também sei como elas estas entrelaçadas na vida cotidiana, na construção das identidades sociais e perpassam as pedagogias culturais.

Estes termos e categorias são utilizados por Laerte e depois acionados pelos entrevistadores para nomear sua experimentação e dar conta de descrever este processo gradual que passa pela vivência do gênero feminino, a partir da “montagem”³ de uma “personagem” feminina, de forma privada e esporádica, no clube *crossdresser*, com a utilização de acessórios e roupas e com a adoção de práticas como depilação e

² Inspirada em Meyer (2000) que por sua vez se inspira na proposta de Foucault de tomar seus livros “como pequenas caixas de ferramentas” (POL-DROIT apud GALLO, 2009, p. 366).

³ Sei que é mais complexo que isso e que pode ter significados distintos para as diferentes pessoas que frequentam o clube *crossdresser*, mas me baseio aqui nos relatos de Laerte sobre sua experiência lá, que é vista, já posteriormente, de um ponto de vista crítico, como algo que não dava conta de seus anseios e de sua experimentação.

maquiagem, que são atos que performatizam (BUTLER, 2000) os atributos considerados femininos e que constituem o que se considera “ser mulher” em nossa sociedade, construindo e expressando as ditas diferenças deste gênero com relação ao seu oposto, o masculino/homem. Esta performatização se dá por meio de atos repetidos, já carregados de significados, muito anteriores aos sujeitos que ora deles se utilizam (SALIH, 2013). Laerte ao fazer isso é narrado, produz e é produzido por estas práticas que são intensamente associadas ao feminino.

Concomitantemente na experiência de Laerte há uma assunção (BUTLER, 2000) do gênero feminino (identidade de gênero) assumido de forma privada através de um nome social, Sônia Cateruni, no club *crossdresser*⁴. Depois desta fase, há uma exposição pública de sua *persona* feminina, através de entrevistas para veículos de comunicação, a partir de sua obra como cartunista (Hugo se transforma em Muriel), a partir da criação da Associação brasileira de transgêneros (ABRAT), quando passa a andar nas ruas vestido de/como mulher e assume este gênero, inclusive marcando “F” nos formulários de hotéis e utilizando o banheiro feminino⁵.

Um passo adiante em sua experiência se dá a questão da sexualidade, como ela se expressa e com que “identidade sexual” confere. Esta é uma das indagações recorrentes feitas a Laerte, pressupondo a sexualidade como algo pessoal, inscrito também no corpo e logo, correspondendo a uma verdade essencial (expressão de sua natureza), algo “natural” seguindo a tríade: corpo (sexo) – gênero – objeto de desejo (BUTLER, 2000). As perguntas sobre a orientação sexual de Laerte (quem ele deseja? com quem transa?) são frequentes ao longo das entrevistas, e este é um dos temas mais controversos, sobre o qual Laerte se contrapõe e questiona, afirmando que gênero nada tem a ver com sexo/orientação sexual.

É neste processo de capturas identitárias e fugas, de classificações e estratégias de adiamento ou inclassificação que emergem as questões de gênero, sexualidade e corpo em relação às categorias *crossdresser*, travesti e transgênero, que em síntese, são utilizadas para falar do processo de “transformação” de Laerte ao se vestir de mulher e passar a atender por uma identificação feminina, embora não tenha realizado a cirurgia

⁴ O clube *crossdresser* já foi tema de outras pesquisas, em razão disso e por Laerte ter rompido com esta perspectiva é que não a abordaremos de forma aprofundada.

⁵ Estas experiências de Laerte foram retiradas de trechos de suas entrevistas que foram analisadas na pesquisa mais ampla.

de transgenitalização⁶ e não se considere uma mulher⁷, mas sim uma travesti⁸ ou uma pessoa transgênera⁹ e que do ponto de vista da orientação sexual se afirma bissexual ou “também homossexual”¹⁰. Anteriormente Laerte frequentou o clube de *crossdresser*¹¹, e muitos o classificaram assim dali em diante, embora Laerte tenha saído do clube, deixado de usar esta categoria e tenha rompido de forma crítica com esta experiência/perspectiva, classificando-a como um fenômeno de classe média, criado para se diferenciarem das travestis, fundando com outras pessoas a ABRAT.

Estas experiências se relacionam intimamente com as questões do corpo, porque é nele, principalmente, que se inscrevem, se constituem e se tornam materializadas. O corpo, nesta pesquisa, é tomado como uma construção histórica, social e cultural (GOELLNER, 2003), ou seja, não é abordado pela perspectiva biológica ou essencialista, mas também não nega a materialidade do corpo, sua centralidade é deslocada. Na verdade, intento ir além do construcionismo social, afirmando, a partir de Butler (2000) e Louro (2000) que o corpo só ganha significado pela e na cultura, ou seja, ele não é pré-discursivo, naturalmente dado, ele é nomeado e passa a existir através da linguagem, que como sabemos, é constitutiva do social e permeada por relações de poder.

⁶ A cirurgia de adequação do órgão genital ou redesignação genital/sexual, conforme Jesus (2012) era conhecida anteriormente, como “cirurgia de troca de sexo”, entretanto, não se trata de troca na perspectiva aqui adotada, mas sim de uma adequação da genitália à identidade de gênero.

⁷ Em algumas entrevistas Laerte afirma que não é “uma mulher”, mas em outros momentos se define assim.

⁸ De acordo com Jesus (2012) se refere à pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Segundo Jaqueline Jesus, este termo é estigmatizado porque alguns argumentam que pessoas transgêneras não se “travestem” e que por isso haveria outros termos mais interessantes de serem utilizados, como *croessdresser* e transexual, como salienta Jesus (2012). Laerte ele utiliza a expressão de forma estrita, para se referir à pessoa que se veste com a roupa do sexo oposto e performatiza os atributos considerados femininos. A cartunista crítica e atualmente não utiliza para si o termo *crossdresser*. Mas existe uma grande diversidade de compreensões e interpretações com relação ao termo travesti, ver Larissa Pelúcio (2009), Bretas; Freitas (2011), entre outras abordagens.

⁹ Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, de acordo com Jesus (2012). Esta é a expressão mais utilizada por Laerte e que dá nome a associação que ajudou a criar.

¹⁰ Num contexto posterior Laerte afirma ser homossexual, demonstrando como estas categorias são fluidas e podem ser acionadas em diferentes contextos e períodos.

¹¹ Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras, de acordo com Jesus (2012). Esta autora também destaca que sua vivência geralmente é doméstica e também se diferencia da travesti, por ser algo momentâneo e não permanente.

Esta é a virada conceitual com relação às categorias gênero e sexo (o que veio antes?). Se na perspectiva construcionista, há o sexo biológico (como um dado natural) sobre o qual se inscrevia a cultura (e logo, o gênero), na perspectiva de Judith Butler (2000) primeiro existem “nossas” concepções de gênero que informam “nossa” visão e compreensão do corpo e do que se considera a diferença sexual.

Segundo Silvana Goellner, ao falar de corpo também se fala de identidade, devido a sua centralidade na cultura contemporânea. No corpo a sociedade investe muito tempo e dinheiro, com produtos e serviços que visam aprimorar e adequar esse corpo aos padrões estabelecidos. Por isso mesmo, pode-se afirmar que o corpo é “provisório, mutável e mutante” suscetível às intervenções tecnológicas, científicas e legais, conforme as representações e os discursos vigentes (GOELLNER, 2003, p. 28).

Depois desta breve introdução ao tema e objeto, as questões teóricas e metodológicas e aos conceitos e a categorias utilizadas nesta pesquisa – gênero e sexualidade na perspectiva pós-estruturalista – passo neste momento a refletir especificamente a respeito da entrevista.

*Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher*¹²

A entrevista publicada em novembro de 2010, dois meses depois da primeira abordando sua experimentação (Revista Bravo), também toca em assuntos polêmicos, só que desta vez a entrevista é focada exclusivamente nas questões de gênero e sexualidade, que foram “reveladas” à mídia a partir da entrevista “inaugural”, em setembro daquele ano. A descrição inicial que antecede as perguntas enfatiza a roupa, os sapatos e a maquiagem de Laerte, algo que passou a ser recorrente a partir desse momento. “De salto médio, meias coloridas, maquiagem leve e namorada a tiracolo, Laerte chega para dar entrevista à Folha sobre seu novo estilo de vida”. Assim inicia a entrevista:

Folha: Diversas possibilidades para a mudança do seu estilo de vida passam pela cabeça. A primeira delas é que você pirou, um processo que teria começado em 2005, com a morte de seu filho num acidente de carro, passou pelas tiras da Ilustrada, cada vez mais estranhas, e agora isso. Você está louco, Laerte?

Laerte: Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada. Comecei a me aproximar do travestimento, ou "cross-dressing", em 2004. Interrompi --e

¹² Entrevista concedida a Ivan Finotti (2010).

a morte de meu filho tem um peso nisso-- e retomei em 2009. Fiz a minha primeira montagem em 2009. Mas as coisas que se evidenciaram [em meu trabalho] a partir de 2005 já estavam ali, latentes, germinando em 2004 (FINOTTI, 2010).

O processo de mudança de Laerte é vinculado principalmente a questão de gênero, entendido como um câmbio de “estilo de vida” e o entrevistador expressa claramente algo que era evidente naquele contexto, um interesse em explicar “aquilo” e a criação de hipóteses. A primeira aventada é a questão da loucura (patologização) que daria conta de compreender a mudança de forma fácil, até porque parece muito estranho, para a maioria das pessoas, entender essa mudança em um “homem”, “dessa idade”, até então um “respeitável pai de família”. Esta questão reaparece em outras entrevistas e “paira no ar” geralmente vinculada a morte do filho e também associada às mudanças na sua obra.

A segunda questão, utilizada como epígrafe neste artigo, aventa outra possibilidade de explicação para as mudanças de Laerte, e está associada às questões de sexualidade (“fetiche sexual”¹³). A cartunista rapidamente nega e faz questão de salientar que sua proposta é o questionamento das normas de gênero, daquilo que é associado sem problematização ao universo masculino e feminino (exemplo: costura e futebol) ou as simplificações dualistas que o “acusam de gay” por usar roupas femininas. Ele parece bem consciente desta questão, pesquisa sobre o assunto e aponta o binarismo e a crença forte em “nossa” cultura e sociedade a respeito, criticando-as. Reafirma que gênero e sexo (e sexualidade) são coisas distintas e separadas, ao contrário do que o discurso hegemônico sustenta. Também descarta a possibilidade de manter o “status” masculino¹⁴ que apresenta algum comportamento sexual considerado “inusitado” e mostra reconhecer que sua experiência perturba “todo o ambiente ao redor”, e de alguma forma, a sociedade como um todo que se confronta com este “discurso” e imagens na mídia, por vezes se choca, mas também demonstra curiosidade e/ou apreensão.

De alguma forma, ao falar de Laerte, também se fala da sociedade que se interessa por isso, que tenta explicar, que dá visibilidade, que se opõe e critica, mas também que apoia e admira. O que Laerte fala “de nós”? Proponho a reflexão sobre a figura de

¹³ Fetiche se refere em psicologia a um “objeto ou uma parte do corpo à qual o sujeito atribui qualidades eróticas, é o objeto causador de excitação sexual, por exemplos, sapatos, calcinhas e outras peças do vestuário [...] partes do corpo [...]”, conforme Bretas (2011, p. 100-104). Este comportamento sexual é definido como uma parafilia (desejos e fantasias sexuais, forma de amar paralela),

¹⁴ É importante salientar que isso é relativo, uma vez que em outros contextos, Laerte afirma sua masculinidade (ser homem) com relação a questões médicas e familiares, por exemplo.

Laerte não porque o quero como projeto ou modelo, mas porque reconheço em sua figura algum “potencial crítico e desconstrutivo da normatização/naturalização dos gêneros” (LOURO, 2009, p. 140), uma disposição *queer*, ou seja, postura questionadora e provocativa destas normas e padrões (LOURO, 2004) que pode implicar em transformações sociais mais amplas, como por exemplo, no campo dos processos educativos. Não se pode negar que no contexto brasileiro mais recente temos acompanhado mudanças significativas no campo político e cultural, como o acesso a direitos civis de pessoas transexuais, gays, lésbicas, travestis e etc. e que tem implicações no âmbito da escola e das pedagogias possíveis, mas que também enfrenta resistências, como abordado no início deste texto.

Todas estas transformações se multiplicam e se espalham com as novas tecnologias (mídias, internet, comunicação, blogs) e com as questões de inovação na ciência (cirurgias, tratamentos, modificações corporais, próteses, remédios...) que aumentam as possibilidades e número de “modelos” que podem ser adotados e seguidos. A “natureza já não é destino”, até “ela” pode ser modificada. O que se considera humano pode ser alargado e questionado também – questões que já foram questionadas pelas teóricas feministas da ciência, os/as historiadores da ciência, epistemólogas/os, cientistas sociais e etc., mas que de alguma forma passam a fazer parte do cotidiano, das discussões do “senso comum” – além das possibilidades de mudanças culturais, nas percepções, como esta aposta inicial de Laerte. Tudo pode ser repensando e transformado: o gênero, o sexo, a sexualidade e o corpo. Sigo com mais um trecho da entrevista:

Folha: Mas você é bissexual, certo?

Laerte: Sou.

Folha: E não há ligação entre isso e o "cross-dressing"?

Laerte: Não.

Folha: Você está fazendo isso para espantar o tédio?

Laerte: Não faço isso porque a vida está sem graça. O problema é a vida submetida a essa ditadura dos gêneros, a esses tabus que não podem ser quebrados. É você sentir que sua liberdade está sendo tolhida, que as possibilidades infinitas que você tem de expressão na vida, ao sair, ao se vestir, ao se manifestar, ao tratar as pessoas, seu modo, seu gestual, sua fala, tudo isso é cerceado e limitado por códigos muito fortes e muito restritos. Isso é uma coisa que me incomoda (FINOTTI, 2010).

Novamente, depois da pergunta vinculada a sexualidade/“fetiche” e a resposta de Laerte sobre o questionamento de binarismo de gênero, o entrevistador retorna, insiste na pergunta vinculada à sexualidade, acionando uma informação já sabida sobre Laerte,

sua bissexualidade - que podemos entender como uma tentativa de Laerte, já há bastante tempo, de romper com as normas rígidas entre heterossexualidade e homossexualidade¹⁵ - tentando relacioná-la com a questão do *crossdressing*. Parece que o entrevistador tenta encontrar alguma conexão que “faça sentido em sua cabeça”: Laerte não “pirou”, não é fetiche, então..., mas Laerte responde que não há conexão entre estas “coisas”, sem mais explicações. O entrevistador retoma as hipóteses de resposta/interpretação da “mudança de estilo de vida” de Laerte, aventando que isso ocorre por tédio na vida da cartunista.

Mais uma vez Laerte é bem direto ao afirmar que não se trata disso, de algo estritamente pessoal (para passar o tempo ou excentricidade), mas que se relaciona ao binarismo de gênero, que engessa as possibilidades de expressão, não só das dele, mas em sua concepção, da maioria das pessoas. Laerte revela o incômodo com os códigos que delimitam, restringem, possibilitam e impedem determinadas roupas, gestos, expressões para os sujeitos. Ela fala da “ditadura do gênero” e de tabus, expressando novamente seu interesse pessoal e político de questionar e cruzar estas fronteiras.

É interessante notar que Laerte fala de gênero, enquanto o entrevistador parece só falar de sexualidade, não percebendo as diferenças e distinções entre estas duas esferas, não sabendo lidar ou se negando a lidar com o questionamento de Laerte (que também poderia lhe dizer respeito). Isso também mostra o quanto estas discussões que parecem evidentes, para os estudiosos das teorias sobre gênero e sexualidade, são restritas a alguns grupos, não atingindo pontos centrais da nossa sociedade, como a mídia hegemônica. Parece que gênero e sexualidade são sinônimos ou andam “coladas” para este entrevistador (e para parte da sociedade), já para Laerte parecem ser, ao contrário, âmbitos distintos e muito separados.

Outro aspecto interessante é que Laerte enfatiza as restrições vinculadas às normas, o que elas impedem e proíbem e como engessa as ações e possibilidades. Esta concepção está bastante próxima da usual que temos a respeito de normas, próxima da noção de regra/lei, mas a norma, para Foucault (1997) tem por característica principal ser um conjunto de prescrições positivas, que produzem, permitem e orientam as ações, práticas e formas de ser e viver, que abarcam o que se considera “normal” e o que se considera “anormal”, que são constitutivas dos sujeitos e existem na atuação, na medida em que são re-citadas e reiteradas, mas tal qual o gênero, o sexo nunca se repetem da

¹⁵ Laerte afirma em outras entrevistas que foi em 2004 que começou a “sair do armário”, a assumir para si mesmo esse desejo.

mesma forma, e a cada citação, se abrem as possibilidades de produção da diferença e da transgressão das normas (BUTLER, 2000).

Foi essa característica que permitiu ao próprio Laerte deixar de repetir a mesma “norma” de gênero e sexualidade, que lhe possibilitou tentar romper com as dicotomias: heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino e a também desafiar a coerência entre sexo-gênero-desejo. A separação (e as relações) entre gênero e sexualidade, alvo das discussões entre as feministas e as perspectivas construtivistas diversas, também já foram evidenciadas especificamente na perspectiva pós-estruturalista de compreender o gênero.

As últimas duas perguntas se referem a como Laerte explica “isso” para as pessoas e sobre o clube *crossdresser*:

Folha: Como você explica isso para as pessoas?

Laerte: É como se a vida tivesse me levado a essa circunstância e, quando eu me vi, percebi que aquilo representava uma busca pra mim. Foi mais ou menos isso que senti. Quando vi, comecei a fazer tiras do Hugo virando a Muriel.

A penúltima pergunta parece uma derradeira tentativa de explicação sobre a experiência de Laerte, se as perguntas não ajudaram muito até aqui na definição do que Laerte é ou faz, ou mesmo porque faz, pergunta-se a ele o que diz, já que se supõe que há a necessidade de alguma explicação, por não ser usual ou mesmo “normal” seu comportamento, não é uma coisa que “passa batida” e por isso essa insistência nas conseqüências do esperado estranhamento (o que a família e os amigos acham, o que dizem na rua, o que você acha ou como explica), ou seja, há algo a ser explicado, que necessita de uma resposta, causa ou explicação. Laerte não se detém muito na questão, responde de forma até vaga e acaba falando de sua obra, de seus personagens, para explicar suas “motivações”, o seu processo é compreendido como uma busca.

E a última questão, que aborda a questão do *crossdresser*, é interessante por parecer começar a marcar a ruptura de Laerte com o clube (BCC), com o termo e também por uma discussão que enseja a respeito da categoria mulher (e sexo):

Folha: O lema do Brazilian Crossdresser Club, do qual você faz parte, é "existimos pelo prazer de ser mulher". Que prazer é esse, Laerte?

Laerte: Eu não concordo muito com esse lema, porque é uma frase que procura construir uma certa fantasia que eu não partilho. Eu não vou ser mulher nunca. Mas acho que é possível sair na rua e ser aceita como uma pessoa que se veste daquela maneira, que se enfeita e se produz e se apresenta daquela maneira (Ibidem).

Laerte afirma que não concorda com tal lema, pois ele parece se basear numa fantasia, “ser mulher”, para ele/a isso não parece ser possível, “eu não vou ser mulher nunca¹⁶”, e já mostra sua discordância com relação à perspectiva do grupo. O lema do clube *crossdresser* se refere à noção de mulher, categoria muito restrita, e que pode ser referir ao que especificamente: ao sexo? a sexualidade? ao gênero? Talvez se o lema falasse do desejo ou prazer de experimentar o feminino ou a transgressão dos binarismo, com o foco no gênero (algo construído) Laerte concordasse, mas o que quer dizer com “eu não vou ser mulher nunca”? se refere a sexo? mulher é quem tem vagina? É quem “nasceu mulher” (assim foi designada no nascimento)? São somente as mulheres *cis*? As bio-mulheres? É algo da natureza e por isso é imutável? Não pode ser contestado ou transformado?

A partir das discussões a respeito das abordagens–essencialistas e construtivistas (e sua heterogeneidade), me parece que essa concepção seria vinculada a um construtivismo “fraco”, que acredita que sobre a “natureza dada”, o corpo, se inscreve a cultura, ou seja, mantém o fundacionalismo biológico como afirma Nicholson (2000), mantém intocada esta parte da dicotomia e deixa sempre aberto o flanco para o essencialismo e o discurso biológico/médico. Dessa forma, tanto o clube *crossdresser* que se baseia numa concepção de “mulher” (talvez associada a sexo) quanto Laerte que o critica, parecem se afastar da perspectiva teórica e política do *queer* (e de gênero na perceptiva pós-estruturalista) que tentam deslocar estas dicotomias e categorias e, levando em conta a materialidade do corpo, mostram que ele só existe na cultura, não é algo pré-dado, só ganha sentido por meio da linguagem e, portanto está imbricado nas relações de poder, entre elas, a noção de gênero que informa nossas concepções e que é constitutiva dos sujeitos (assujeitamento) e suas subjetividades.

Quando Laerte diz que não é uma mulher, talvez ele não esteja só dizendo que sexo é algo imutável (contra o qual não se pode lutar, pelo menos nessa altura da vida, quando os hormônios não fazem mais efeito¹⁷), mas sim uma negativa em situar em um destes polos: homem ou mulher. Ele se desloca do lugar do masculino em direção ao feminino, mas fica num lugar “entre” – no meio – para tentar escapar das classificações e/ou reconhecendo que não pode ocupar plenamente nenhum dos polos/posições (aliás,

¹⁶ Em momentos posteriores afirma que “é uma mulher”, mas também é pai, avô, e não há problema nisso.

¹⁷ Afirmação que será dita em outra entrevista.

quem pode?) deslocando, borrando fronteiras e mostrando sua arbitrariedade, a fragilidade deste binômio. A definição do sexo, segundo Fausto-Sterling (2002), é algo muito complexo para se definir seja só pela via biológica, seja somente pela via cultural, pois envolve linguagem e significação, relações de poder, subjetivações, a materialidade do corpo.

A partir do que foi dito até aqui por Laerte e pelas reflexões teóricas que desenvolvo ao longo da pesquisa, afirmo que esse processo talvez se trate de uma busca pela transgressão das normas rígidas, dos binarismos que eram entendidos como limitadores de sua vivência. Uma busca por experimentar aquilo que foi definido historicamente em nossa sociedade como feminino, ou seja, as roupas, acessórios, sapatos, maquiagem e demais “aparatos” com compõem e são constitutivos do que se define como feminilidade: os gestos, as formas de pensar e se expressar, etc. e até por uma busca pessoal, na compreensão de que os dois polos não são excludentes, mas sim estão em relação e que dentro de si também existe estas características que lhe são constitutivas, que há essa possibilidade de ser/estar no mundo.

Embora a experimentação de Laerte se trate de uma experiência individual e que propicia uma transformação pessoal importante, acredito que ela se insere em um âmbito social mais amplo, por dialogar com outras possibilidades e experiências de outros indivíduos e também por sua visibilidade, que possibilita diálogos e modificações em relação à ordem social vigente, no que tange a gênero, sexualidade e corpo. Isso propicia vislumbrar em Laerte uma tentativa de experimentação subversiva e questionadora da heteronormatividade e dos binarismos de gênero, que pode ajudar a refletir sobre processos de modificação na constituição dos sujeitos e suas subjetividades. Ao que parece, suas ações e “discursos” são eminentemente políticos e se engajam em lutas e debates importantes no campo da linguagem, da produção de significados na cultura, e ainda na busca por direitos e visibilidade.

Destaco novamente que estas entrevistas podem ser pensadas/localizadas dentro do que chamamos de pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 2000, 2008) pensando o que o Laerte ensina com isso e/ou pensar o Laerte, por meio das entrevistas, como um artefato cultural que porreja uma pedagogia, que ensina, que faz duvidar, que permite afirmações e negações. Dessa forma, sua trajetória pode ser pensada como um currículo, disputando, reproduzindo ou oferecendo um contraponto aos “discursos”

hegemônicos da heteronormatividade e dos binarismos de gênero e sexualidade que encontramos na grande maioria dos artefatos culturais do nosso país.

Referências Bibliográficas:

BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Sexualidades**. São Paulo: All Print Editora, 2011.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**. Pedagogia da Sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

CARVALHO, Marília. P. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero, cor/raça. *cadernos pagu* (22) 2004: pp.247-290.

COSTA, Jociane Rosa de Macedo. Redesenhando uma pesquisa a partir dos estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.) **Caminhos investigativos III Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 85-116.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.) **Caminhos investigativos III**. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 17-18. 2001/1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade**. A vontade de saber. v. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

GALLO, Sílvio. Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 363-376.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade** – um debate contemporâneo em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 28-40.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Revisão de conteúdo: Berenice Bento, Luiz Mott, Paula Sandrine. Brasília: 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULAR%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> Acesso em: 22 jun. 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília, 2009. MEC. Coleção Educação para todos.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias de gênero e sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

_____. Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. **Pro-Posições**. Campinas, n. 2. v. 19. mai/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

_____. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 135-142.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade. Uma história do passado? **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul-dez 2000, p. 117- 134.

_____. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves (org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-62.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n.8, v.2, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>> Acesso em: 22 jun. 2014.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS**. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2009.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TORRES, Marco Antonio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. Belo Horizonte: Editora Autêntica; Ouro Preto, MG: UFOP, 2010. (Série Cadernos da diversidade).

XAVIER FILHA, Constantina; MEYER, Dagmar, E. Será a voz e a vez das questões de gênero e sexualidade? Tecendo diálogos com Constantina Xavier Filha e Dagmar Elisabeth Estermann Meyer. Entrevista concedida a Marcos Lopes de Souza. **Revista**

Teias. Diferenças e Educação. Rio de Janeiro. V.16. n. 40, 2015. p. 221-235. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1788>
Acesso em: 26 de Mar. 2014.

Fonte de pesquisa:

FINOTTI, Ivan. Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher. **Folha de São Paulo.** São Paulo, nov. 2010. Ilustrada.

Site consultado:

BRAZILIAN Crossdresser Club. Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br/teste/>>
Acesso em: 3 jun. 2014.